



## Sessão Coordenada 22

### **Formação de professores, história da educação matemática – processos históricos de lutas que contribuem com a legitimação de um campo de pesquisa**

*Rosilda dos Santos Moraes*

Trabalhos apresentados nesta seção:

História da Educação Matemática: Um campo de lutas, por Yohana Taise Hoffman e David Antonio da Costa.

Colonialidade de poder: um olhar sobre discursos naturalizados que atravessam a história da formação de professores de matemática no Brasil, por Ana Maria de Almeida.

Que articulações podem ser realizadas a partir das duas propostas de comunicação em uma sessão, Sessão 22, do ENAPHEM? Vamos às ideias principais de ambas na tentativa de, quiçá, visualiza-las. Ou não!

A expressão “Formação de professores” é comumente precedida do artigo definido “a”, digo, “A Formação de Professores”. Esse uso, conforme a norma culta da Língua Portuguesa, se destina a “seres” determinados, individualizando-os. O uso do artigo “a”, nesse caso específico, determina o campo “Formação de Professores”, mas, ao que parece, não diz de UM modelo de formação de professores, que seja único, que seja universal, homogêneo, como destaca Almeida (2018) em sua comunicação. Essa pesquisadora afirma que sua pesquisa caminha na direção de desconstruir “discursos naturalizados no contexto formação de professores que ensinam matemática”, pois constituem-se, eles, em potencial ferramenta no processo de controle social (ALMEIDA, 2018).

A partir dos teóricos que mobiliza, Almeida identifica “cenários multifacetados compostos por diferentes modalidades de formações de professores no decorrer da história”, dados que contrastam com o discurso uniformizado e generalizado de

parte de governantes sobre a formação de professores, o que, em sua concepção, pode acobertar um sistema de “colonialidade de poder” disseminado por um “discurso dominante que propõe uma ideia de formação de professores, pautado em uma identidade de docente capacitado para ensinar uma matemática racional, também idealizada”. Sua pesquisa visa “provocar a produção de linhas de força no contexto da educação”.

De “linhas de força” à “campos de luta”, Hoffman e Costa (2018) trazem para sua comunicação “uma discussão no campo científico da História da Educação Matemática (HEM) no Brasil” a partir de “duas percepções diferentes em relação a institucionalização de uma disciplina”. De um lado situa aqueles que lutam por sua implementação e de outro os que resistem a tal proposta, ambos sujeitos de luta, que se movem na direção de legitimar o campo. Essa tensão produz “estilos de pensamento” diferentes os quais são analisados, por esses pesquisadores, com base em teóricos da Sociologia da Educação, como Pierre Bourdieu e Ludwik Fleck.

Hoffman e Costa (2018) afirmam que o campo da HEM é difuso no que consiste à sua prática e que um de seus desafios é pensar a institucionalização de uma disciplina que contemple os diferentes “estilos de pensamento” (FLECK) do próprio campo. Citando Bourdieu (2001; 2004; 2013) consideram que “o campo científico, assim como as demais instituições, como um espaço social, é constituído por relações de força e de dominação, no qual os agentes estão dispostos de acordo com sua posição, isto é, entre dominantes ou dominados”, ou seja, sua constituição se dá em um “espaço de lutas simbólicas”, “um sistema constituído por relações objetivas entre posições adquiridas em lutas anteriores”.

Para esses pesquisadores, o campo HEM possui “diferentes vertentes e interpretações em relação as suas teorias, metodologias e práticas” e, por essa razão, um de seus maiores desafios é “pensar a institucionalização de uma disciplina de modo que ela contemple os diferentes estilos de pensamento do próprio campo. Ou seja, superar as lutas simbólicas, as contradições entre os diferentes coletivos de pensamento”.

Vamos a alguma tentativa, se não de articulação, de afetação do que foi exposto pelas comunicações aqui trazidas.

Ao que parece elas ilustram o próprio processo nebuloso, quiçá conflituoso, de constituição do campo científico. Se o campo se constitui nas relações de poder entre diferentes estilos de pensamento, como uma disciplina poderia abarcar toda essa dispersão? Como ela poderia superar as citadas lutas simbólicas ou mesmo as contradições entre os diferentes coletivos de pensamento? Parece utópico! Sem nenhum aprofundamento teórico ou de pesquisa, se pode arriscar a dizer que a institucionalização de uma disciplina em um campo científico, seja ele o campo HEM ou qualquer outro, legitima a luta dos dominantes, governantes ou aqueles a seu serviço, isto é, aqueles que por meio de suas ações, de sua luta, a institucionalizaram. Não se trataria, neste caso, de contemplar as tantas diferenças simbólicas etc., mas de enaltecer os que venceram (enaltecer por meio do objetivo atingido), os que por meio de seus discursos, de suas práticas, produziram um dos elementos constituintes do campo científico, a institucionalização de uma disciplina. Uma vez fato, o que se pode analisar é o que está por debaixo do acontecimento. O que parece vem sendo realizado em perspectiva histórica por Almeida (2018).

O apresentado por Hoffman e Costa (2018) é representativo, mais uma vez sem nenhum aprofundamento teórico ou de pesquisa, das referências teóricas por eles mobilizadas, Bourdieu e Fleck, que bem ilustram o processo nebuloso de constituição do campo científico. As pesquisas aqui apresentadas não são excludentes, mas bem ilustram a sucessão estratificada de processos de constituição do campo científico, da luta entre dominantes e dominados, “luta não para uma ‘tomada de consciência’ [...], mas para a destruição progressiva e a tomada do poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-los. Uma ‘teoria’ é o sistema regional desta luta” (FOUCAULT, 2015, p. 132). Seja qual for o lado que “você” estiver, ele denota sempre mecanismos de luta, de poder.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, A. M. **Colonialidade de poder**: um olhar sobre discursos naturalizados que atravessam a história da formação de professores de matemática no Brasil. Comunicação; Sessão 22, ENAPHEM., 2018.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz & Terr, 2015.
- HOFFMAN, Y. T.; COSTA, D. A. **História da Educação Matemática**: Um campo de lutas. Comunicação; Sessão 22, ENAPHEM, 2018